

A importância do *Antídoto* é devida a muitas causas. Primeiramente, é um dos raros textos escritos em francês, ilustrando as idéias dos pensadores espiritualistas que ocupam um lugar muito especial na evolução do pensamento do XVI século e que exerceram sua influência sobretudo na Alemanha e nos Países-Baixos. O que torna êsse livro particularmente digno de atenção é o fato de encontrarmos aí, intimamente, pensamentos ligados às idéias espiritualistas tiradas na maioria das vezes dos *Ensaio*s de Montaigne. Sem dúvida, seria exagerado afirmar que isso acrescenta uma dimensão nova à imagem que se faz do grande escritor francês, mas, pelo menos basta para mostrar que os sábios humanistas, como Juste-Lipse, ou os pensadores fideistas, como Pierre Charron, não são os únicos que tinham dado um bom acolhimento à surpreendente novidade dos *Ensaio*s.

O autor do panfleto não se contentou em refutar as idéias do seu adversário sobre a legitimidade da perseguição dos heterodoxos, mas lançou ao mesmo tempo um ataque pessoal contra Marnix. Mesmo se êsse ataque não acrescenta nenhum detalhe nôvo ao conhecimento que já se tinha do papel político de Marniz, êle permite pelo menos precisar e matizar a imagem que dêle se tinha feito até então.

O estudo que precede a edição do panfleto traz a prova que o autor do panfleto é Emmery de Lyere, membro de uma família nobre, oriunda de Antuérpia, desde a sua juventude a serviço do príncipe Guilherme de Orange e dos Estados-Gerais dos Países-Baixos. Marnix tinha já adivinhado quem se escondia sob o pseudônimo do “gentilhomem alemão” e o tinha apontado como o autor do panfleto de maneira bastante transparente na sua *Resposta apologética*; entretanto, como De Leyre recusou-se a admitir ter escrito o panfleto, tornou-se necessário provar de maneira irrefutável que êle próprio era o seu autor. Por outro lado, encontrar-se-á neste livro, traçada em suas grandes linhas e algumas vezes em pormenores, a biografia dêsse homem interessante pela sua ascendência — seu pai foi um amigo íntimo de um dos personagens mais curiosos dêsse século movimentado, o heriarca David Joris — e notável pela sua cultura.

E. S. P.

\* \* \*

KÓPECZI (Béla). — *La France et la Hongrie au début du XVIIIe siècle. Étude d'histoire des relations diplomatiques et d'histoire des idées*. Akadémiai Kiadó. Budapeste. Edição francesa: 560 pp., 50 facsímiles. 1 mapa. Preço: \$ 15.60.

Na primeira parte da sua obra, o Autor propõe-se estudar o caráter das relações diplomáticas que existiram entre a França de Luís XIV e a guerra dos húngaros (1703-1711) dirigida contra os Habsburgos e conduzida por Francisco II

Rákóczi, príncipe da Transilvânia. As historiografias francesa e húngara deram uma imagem deformada dessas relações, antes de mais nada porque elas não pesquisaram as fontes inéditas dos arquivos dos dois países. A correspondência diplomática prova que a guerra de independência húngara foi um fator negligenciável nos projetos diplomáticos e sobretudo militares da França que permaneceu sôzinha na Guerra de Sucessão da Espanha. Rákóczi tentou concluir uma aliança em boa e devida forma com Luís XIV, mas essa tentativa foi abandonada pela diplomacia francesa, sobretudo não só devido à fraqueza militar do levante húngaro, mas também em consequência duma incompreensão da situação da Europa Central e Oriental.

Na segunda parte o Autor apresenta a imagem de Húngria e dos húngaros tal como ela se formou na opinião pública francesa do fim do XVII e do início do XVIII século. Jornais, revistas, panfletos, manuais de história e de geografia, obras literárias — tôda fonte escrita foi examinada procurando conhecer as mudanças que se operaram no que se pode chamar de imagem estereotipada de uma nação. Porque a idéias que os franceses faziam da Hungria não é a mesma no fim do XVII e início do XVIII século: as exigências da política externa tiveram certos retoques, apesar da sobrevivência de alguns traços característicos inspirados sobretudo pela literatura humanística do XVII século.

Em face dêsses dois problemas: a evolução das relações diplomáticas e as mudanças da imagem estereotipada que estão estreitamente ligadas, o Autor considera que o método interdisciplinar que se propõe praticar é o único que permite melhor compreender a complexidade e a situação histórica e o seu reflexo ideológico.

E. S. P.

\* \*  
\*

LEFEBVRE (Georges). — *La naissance de l'historiographie moderne*. Prefácio de Guy P. Palmade. Coleção "Nouvelle Bibliothèque Scientifique" dirigida por Fernand Braudel. Paris. Flammarion. 1971. 348 pp. Preço: 38 Fr.

Um dos motivos dêste livro é de tornar conhecido ao leitor os mais célebres historiadores, não sòmente os literatos, os grandes escritores, os historiadores "artistas", mas também os eruditos e os grandes filósofos que se interessaram pela natureza profunda da História. Na verdade, é a todos êles que são devidos, em grande parte, os recursos, os métodos da História, a concepção mesma que dela temos atualmente.

Outro objetivo do livro é ainda mais ambicioso: mostrar que a História não foi escrita de uma só vez, que ela não é feita de uma espécie de matéria morta, estratificada para sempre, mas sim que ela está sempre em perpétua gestação, que ela é ainda, que será amanhã como é hoje, que ela sempre evolui com a civilização